

"Um Livro Roubado" ou "O Livro dos Bons Sinais"

Na minha adolescência dei por mim várias vezes a pensar se as minhas teimosias e irreverências poderiam ser desculpadas e ilibadas, junto da entidade patronal, pela descoberta de algum vestígio que me levasse a poder argumentar que eu não seria caso único. Em vão. Tirando uma fotografia do meu pai num Desfile da Queima das Fitas no Porto em ano de formatura em Medicina em poses mais animadas nunca pude justificar-me. Assim e entre a sucessão de reprimendas mais ou menos acesas, cheguei às portas da Universidade e a essa almejada liberdade e pseudo-independência.

Nesse ano de escolhas o Dr. António Rodrigues Dias, o próprio do meu pai, emprestou-me um livro que, hoje posso afirmar, determinou uma catadupa de escolhas determinantes nessa ainda minha imberbe vida que ainda hoje reverberam, de forma avassaladora, as suas ondas de choque.

O livro já usado, muito antigo e comido pelo tempo era o "Coimbra De Capa e Batina" do Carminé Nobre. Por entre as mirabolantes e cómicas histórias da mordaz boémia de Coimbra fui tomando decisões definitivas quanto à escolha da Lusa Atenas para berço dos meus estudos ou pelo menos da matrícula nesses mesmos estudos. As Serenatas Monumentais, a Queima das Fitas e toda a vivência académica me seduziam naquelas narrativas deliciosas mas mais que tudo isso o Fado de Coimbra e a Canção de Coimbra, as vozes de Zeca Afonso, Luiz Goes e Edmundo Bettencourt, as guitarras de Artur Paredes e Carlos Paredes e a música da Brigada Vítor Jara apaixonaram-me definitivamente e fizeram com que ingressasse, mais do que na Universidade de Coimbra, na própria Associação Académica de Coimbra e na sua Secção de Fado.

Esse foi o meu primeiro Curso Superior!

Anos mais tarde haveria de concretizar a Licenciatura em Comunicação Social na Universidade do Minho mas foi esse curso da superior vida em Coimbra que me levou da Música ao Cinema e à Produção e Realização que é o meu caminho profissional há mais de 16 anos.

O que o meu pai não me contou de imediato foi a razão daquele enigmático carimbo na página interior de abertura deste livro que mudou a minha vida e que rezava "Propriedade da Biblioteca da Zambézia". O meu avô vivia com a mulher e os filhos em Quelimane, Capital da Província da Zambézia em Moçambique (banhada pelo Rio dos Bons Sinais que 500 anos antes tinham sido a boa nova de Vasco da Gama), para onde tinha ido com a roupa do corpo e a família debaixo do braço desde o Porto de Leixões. Antes de regressar à metrópole para estudar na Universidade do Porto o meu pai roubou este livro da Biblioteca e inspirou-se com certeza nele embora nesses anos de regresso e estudo médico os tempos fossem de combate

à ditadura e o tempo que sobrava para aquelas histórias do Dr. Carminé Nobre não devesse ser muito.

Esse empoeirado livro traçou-me o destino e devo-o a um ato de rebeldia e de cultura da juventude africana do meu pai. Como diziam os anarquistas , de fato, roubar um livro é um ato de cultura. Para mim foi um ato do destino.

Depois de 15 anos de trabalhos, viagens e sucessos na Produção e Realização em Lisboa e no mundo através da Duvideo Filmes, da qual fui sócio e administrador, resolvi meter os pés ao caminho numa aventura a solo e montei a Zerkalo Pictures. Zerkalo significa espelho e talvez andasse à procura de uma realidade para lá do espelho da realidade na linguagem do cinema e na linguagem da vida. O primeiro trabalho foi uma filmagem em Castro Marim para homenagear um verdadeiro filho da terra, o Paco de Lucía, filho da Lúcia ou Luzia de Monte Francisco. Iria apenas por um par de dias, recolher as imagens necessárias de vários quadros do quotidiano da terra, e voltar a Lisboa para as editar para que servissem de cenário num espetáculo especial de homenagem no Time Out Market, Mercado da Ribeira de Lisboa. Foi exatamente há um ano. Desde então não mais deixei a magia de Castro Marim e o seu magnetismo. Voltei várias vezes para filmar, estar, produzir, admirar ou simplesmente ser...

Também por isto, e depois de dar algumas voltas às ideias, resolvi entregar uma parte substancial do meu quinhão de livros à Biblioteca Municipal de Castro Marim. Para que os livros que me inspiraram inspirem outros mesmo que para isso e num ato extremo de cultura os tenham que levar sem devolução marcada.

Ivan Dias

Lisboa, 14 de Abril de 2016